

ria do próprio organizador do volume, intitula-se “Um legado de esperança e um legado de dúvida: reflexões sobre o papel da História e dos Historiadores na política externa norte-americana desde o século XVIII”. O segundo, de Arno J. Mayer, trata do “Pensamento histórico e a política externa norte-americana na época da primeira guerra mundial”. O terceiro, assinado por Herbert Feis, tem por título “Algumas notas sobre registros históricos, o papel dos historiadores e a influência das lembranças históricas durante o período da Segunda Guerra Mundial”. Finalmente, o quarto ensaio, de Louis Morton, sobre “A guerra fria e a cultura norte-americana”. Em apêndice, sob o título “A promessa da História num mundo em mudança”, o organizador do volume reuniu três declarações valiosas, pois características das épocas em que foram elaboradas: a de Woodrow Wilson sobre “A variedade e a unidade da História” (publicada originalmente em 1904), as de Thorstein Veblen, sobre a natureza da paz (“Sugestões sobre o programa de trabalho de um inquérito sobre as futuras condições de paz”, 1932, e “Esbôço para uma política para o controle da penetração econômica dos países atrasados e dos investimentos estrangeiros, 1932) e a de Frederick Jackson Turner sobre “Os partidos políticos internacionais numa Liga de Nações duradoura”, publicado originalmente na “American Historical Review”, de 1942. Tais ensaios visam, todos, a uma compreensão objetiva da ação externa da política norte-americana, a partir de uma herança histórica interpretada e atualizada frente a acontecimentos de dimensões mundiais e de conflitos a que o poder de decisão americano não pôde fugir, ainda que sob a pressão de dúvidas e perplexidades. Valiosa contribuição não só para a História dos Estados Unidos, mas para a história contemporânea em geral.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *

*

MAURO (Frédéric). — *Nova História e Novo Mundo*. Editôra da Universidade de São Paulo — Editôra Perspectiva São Paulo. Coleção Debates, volume 13, São Paulo, 1969.

A publicação deste novo livro de Frédéric Mauro vem dar seqüência a vários de seus estudos sobre metodologia da história econômica, principalmente a *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle, 1570-1670* e *Le Brésil au XVIIe siècle*. Esta série de trabalhos é particularmente interessante, pois nela o autor confessa-se atraído, após a fase colonial, pelos séculos XIX e XX, algo inédito em seus estudos.

Sempre preocupado em fornecer uma forma de abordagem que corresponda às exigências de historiografia contemporânea, êle fornece capítulos de caráter estritamente metodológicos (os dois primeiros), e outros que “embora atendo-se a um assunto preciso, tentam entretanto, acentuar o método de trabalho: utilização das técnicas estatísticas ou contábeis, renascimento dos conceitos para utilização prudente das problemáticas presentes para compreender o passado, método comparativo” (p. 10).

O primeiro capítulo, “Teoria econômica e História econômica”, apresenta material extremamente rico para pensar-se história econômica, campo onde a corrente utilização de conceitos modernos aplicados a períodos passados levam a deformações que freqüentemente invalidam o trabalho. Mauro parte de uma dúvida

de caráter geral — “o historiador se acha sempre colocado diante de um dilema: ou explica o passado em termos de presente e, neste caso trai o passado; ou explica em termos de passado e, assim torna-se incompreensível aos homens do presente —” (p. 13).

Continuando neste raciocínio êle particulariza o problema para a história econômica, isto é, o estudo dos sistemas e das estruturas de um período. Estabelecendo a premissa — “todo sistema econômico é antes de tudo, um vocabulário e toda estrutura, uma estrutura mental”, esclarece ser na caracterização dos sistemas e estruturas que apreendemos a sua “natureza” e “provamos os mecanismos fundamentais” de um período histórico. Porém, como “os sistemas se sucedem aos sistemas e as estruturas às estruturas” essa mutação traz dificuldades, e elas são marcantes para a história econômica “onde o destino dos sistemas se encontra demasiado ligado à técnica” (p. 14). A progressiva rapidez com que esta se altera, torna bastante difícil captar a permanência de constantes através de diferentes estruturas.

Para solucionar em parte a dificuldade deste estudo, Mauro propõe que se “decomponha o período em certo número de conceitos — conjunturas, estruturas, sistemas, ritmos, permanências — que facilitam as mediações e as interpenetrações recíprocas”, ressaltando ainda a importância da detecção de continuidades e descontinuidades (p. 14). O estudo, elaborado a partir da decomposição qualitativa e levantamento de dados quantitativos só poderá ser o resultado do trabalho de um historiador, se for novamente traduzido para valores qualitativos. Somente dessa maneira êle compreende a montagem de um período econômico: estabelecer sua dinâmica. Define, assim, a diferença entre o trabalho do historiador e o do economista, essencialmente técnico e voltado para a ação.

Aliás, Mauro é bastante claro em sua posição quanto à função da história, “uma ciência social entre as ciências sociais” e adverte “se as ciências sociais desejam triunfar, cumpre que permaneçam modestas. Seu papel é científico. Elas não podem tomar o lugar da Filosofia ou de outras formas do conhecimento humano” (p. 10). Demonstrando preocupação quanto a êsse seu pensamento, êle continua a discussão conceitual quanto a função do historiador, no capítulo “história ciência do abstrato”, negando validade às problemáticas teológicas e filosóficas entre outras, situando o trabalho do estudo da história condicionado estritamente a problemática científica.

Desenvolve suas análises nos capítulos seguintes, apoiado a essa atitude científica: conceitos modernos adaptados à época estudada, decomposição do período, montagem dos mecanismos gerais, comparação dos mecanismos de um sistema com os de outro, concluindo com a construção de modelos que se tornam progressivamente mais precisos com o decorrer da pesquisa — “especialmente da pesquisa estatística e da economia, atuando sobre a história. Dessa maneira, “o modelo no início qualitativo, se tornará quantitativo, estatístico e em seguida dinâmico”. Mauro também nos recorda que “será igualmente conveniente, enquanto a história econômica constrói modelos de economias passadas, verificar a medida em que os contemporâneos aceitaram o modelo em sua armadura mental, “ideológica”” (p. 56).

Para exemplificar seu método o A. escolheu “A expansão ultramarina Europeia entre 1500 e 1800”, isto é o capitalismo comercial. Consciente dos limites dêste capítulo, deixa patente sua intenção de apresentar tão somente uma forma de trabalho, evidenciando dessa maneira o interesse dessa abordagem.

A discussão sobre “Conceitos econômicos e economia colonial na época do capitalismo comercial (1500-1800)”, merece menção pela colocação de importância que faz: o relacionamento macro-micro-economia. Nêle Mauro propõe a micro-economia como subsidiária do estudo da macro-economia, possibilitando observar “como os mecanismos econômicos elementares se combinam para resultar em mecanismos estruturais diferentes, conforme os tipos de empresa, os países, a conjuntura” (p. 86).

Ainda em outro capítulo, “Contabilidade teórica e contabilidade prática na América portuguesa no século XVII”, êle insiste na importância da análise econômica, mostrando como através dela chega-se a atingir um problema de mentalidade (p. 147).

Ê, portanto, com base em uma exemplificação exaustiva, presa ao estudo da época do capitalismo comercial, tanto na Europa como no Nôvo Mundo, que o Autor demonstra a importância de se estabelecer a teoria econômica do período a ser estudado para compreendê-lo em outros níveis. Explica-se, assim, o capítulo “História ciência do abstrato”, definição que Mauro contrapõe a de Marc Bloch, “história ciência do concreto”, por ser o concreto o óbvio, portanto não carente de estudo.

A parte final do livro é dedicada ao estudo da história comparada de duas economias coloniais: Brasil e México. A finalidade dessa análise consiste em “definir melhor as civilizações e os sistemas” “com a ajuda de generalizações sucessivas” destacando “melhor a essência e a causa de certos fenômenos econômicos, sociais e geográficos do passado” (p. 241). O mesmo tipo de análise é observada em “Do ouro de Minas ao Café do Paraíba: Observações de História Comparada”, marcando também, êste estudo a incursão do Autor na história do século XIX.

Como conclusão a essa série de trabalhos, êle expõe a situação dos estudos históricos sobre a América Latina, enfatizando o desinteresse dos estudiosos franceses sobre a questão, desinteresse êste incompatível com os vínculos culturais existentes entre a cultura francesa e a sociedade latino-americana, especialmente no campo das ciências sociais. Tendo em vista incentivar êstes estudos, êle discorre sobre os recursos documentais que podem os historiadores franceses dispor na Europa, propondo ainda, com base em sua experiência de grande conhecedor da história econômica da época moderna, objetivos e temas para pesquisas.

Em suma, quer concordemos ou não com a totalidade das idéias propostas, o livro constitui material abundante para pensar-se uma renovação da historiografia brasileira, já que grande parte dêle é dedicada ao Brasil colonial e independente. Ê interessante ainda notar que esta obra constitui a 13ª da Coleção Debates, coleção esta que lançará brevemente (março de 1970), outro importante trabalho ligado ao estudo da história, ou seja, *História e Ideologia*, de Francisco Iglésias.

M. STELLA M. BRESCIANI

* * *

*

ISERLOH (E.) e MEYER (Harding). — *Lutero e luteranismo hoje*. Tradução de Breno Schumann. Petrópolis. Vozes. 1969. 112 páginas.

O pequeno artigo publicado originalmente na revista “Consilium” por E. Iserloh sob o título *Lutero tal como é hoje visto pelos católicos* e o ensaio *Lutero e*